

Índice

Agradecimentos	11
1 O corpo, o inconsciente e a linguagem	13
O inconsciente do corpo	14
A. O corpo-espelho-de-forças	25
B. Cruzar os dois espelhamentos	32
C. Nota sobre o <i>trabalho na imanência</i>	39
2 Eficácia e literalidade	43
Mito e magia	43
A. Anatomia afectiva	50
B. A metáfora e a palavra-acção	56
C. A consciência do corpo	60
D. Pensamento por imagens, pensamento puro	64
E. Comunicação de inconscientes	71
F. O corpo espectral	74
G. Abrir o corpo	77
3 A transferência psicótica: o caso de Macbeth	83
O silêncio do oráculo	83
A. O contorno do silêncio	110
B. O inconsciente de transição	113
C. Nota sobre o espaço do sonho	120
4 O pensamento mágico de Artaud	123
Lógica do delírio	123
A. O teatro e a magia	139
B. A técnica dos sopros	154
C. Nota sobre Artaud e Derrida	165

5	A razão feiticeira	172
	Feitiçaria e maquinismo	172
	A. Deleuze e o corpo	186
	B. Desenvolvimento da Antinomia	187
	C. Solução deleuziana da Antinomia	187
	D. Insuficiências da solução	188
	E. Tese e Antítese	189
	F. Escapar à Antinomia	190
	G. Experiência e experimentação	190
	H. Questões de método	191
	I. A questão dos órgãos	194
	J. A simetria assimétrica do corpo	197
	K. Trabalho sobre os órgãos	199
	L. O intermediador	201
	M. (N. O. P.) O ioga, energia e respiração	203
	Q. Ritmo e vibração	216
6	Espinosa e o indecível	223
	A lógica do Livro V	223
	A. A inferência ontológica	247
	B. Espaço de envolvimento	249
	C. Dinâmica do espaço envolvente e inferência ontológica	254
	D. O infinito, Deus e o sublime	257
	E. A crença e a formação do “eu”	260
	F. A formação do “eu” segundo Daniel Stern	263
	G. O eu-eco insubstancial	267
7	Operações do inconsciente	273
	Acompanhando movimentos inconscientes	273
	A. Procedimentos: operações do pensamento filosófico	285
	B. O caos, o inconsciente e o ritmo	293
	C. A dança, o ritmo e o pensamento	298
	D. Ritmo, dança e linguagem	302
	E. Lógica da envolvimento I: do corpo ao espírito	309
	F. Lógica da envolvimento II: a envolvimento e as pequenas percepções	316
	G. Lógica da envolvimento III: ritmo e captura	319
8	Poderes do corpo	329
	Corpos múltiplos	329
	A. Poincaré e a invenção matemática	338
	B. Ter uma ideia I: a emboscada	348
	C. Ter uma ideia II: semiose e produção de sentido	350

D. O cérebro, o computador e o corpo	353
E. Inteligência humana e animal	359
F. A imaginação criadora: Giacometti, Pessoa, Poincaré	360
G. A experiência experimentada e a imaginação	367
H. O informe, incodificável, não algoritmizável	368
I. Caos e multiplicidades: segundo, e depois de, Hesíodo	373
J. A percepção incodificável	379
K. O poder mágico (ou meta-físico) do corpo	380
L. O plano de expressão	380
9 O corpo na arte	388
Em <i>O Olho e o Espírito</i>	388
A. A imagem sai do plano	395
B. A arte e o tempo do contemporâneo	397
C. O contemporâneo, hoje	404
D. A imagem na arte contemporânea	406
E. Os corpos contemporâneos	411
F. Objectos mágicos e objectos de arte	419
G. O caos no processo criativo	423
H. O pequeno caos	431
10 O populismo e a catástrofe	436
A construção da realidade	436
A. As duas crises: ecológica e política	452
B. Lógica do discurso populista	456
C. Nota sobre o populismo “de esquerda” e “de direita”	468
D. Nota sobre o populismo e a estupidez	469
E. Europa: utopia ou distopia?	470
F. A solução da Antinomia. A humanidade e a Terra.	478
Anexo	488
A morte e a eutanásia	488
1. A experiência da morte no <i>Anti-Édipo</i>	488
2. A “morte digna”	491
3. Sobre a eutanásia	493



Agradecimentos

Ao Pedro, que sempre me apoiou, tácita e firmemente.

À Ana (Godinho), que me encorajou e a quem devo um extraordinário trabalho de inteligência e subtileza crítica, de leitura e revisão minuciosa, de todo o original, sem o qual este não seria o que é.

À minha professora de ioga, Isabel Mesquita, cujo fino saber da prática e da teoria me permitiu aceder a um ensinamento dificilmente traduzível por conceitos.

Ao Miguel Serras Pereira, pela sua bela tradução dos textos de Shakespeare e de Artaud.

Ao meu editor, Francisco Vale, pela sua inteligente e generosa paciência.

A Brian Massumi, Peter Pál Pelbart, André Lepecki, Erin Manning e Arnaud Villani, pelas suas obras, acutilantes e inspiradoras.

Aos lémures de todos os países, dançantes e visionários.



O corpo, o inconsciente e a linguagem

Paradoxos e dificuldades acompanham os estudos sobre o corpo desde meados do século xx. À medida que se alarga e diversifica a investigação, mais difícil se torna a elaboração de um conceito consistente que permita combinar uma tão grande variedade de perspectivas. Isto é particularmente verdade no campo da filosofia. Apesar da importância que o corpo ganhou, sobretudo com Husserl e Merleau-Ponty, mas também com Foucault e Deleuze, não alcançamos ainda um pensamento viável, capaz de subsumir os múltiplos fenómenos e experiências corporais que proliferam hoje, da dança à psiquiatria, ou da engenharia genética às doutrinas orientais. De que corpo se trata quando falamos dele? O corpo da fenomenologia não é o das neurociências. O de Deleuze não se cruza com o da medicina nem com o da psicanálise.

O que têm de comum todos estes “corpos”? Convém analisar fenómenos pouco estudados — como a “transferência psicótica”, na psiquiatria, ou o carisma, na politologia — que supõem um tipo de experiência particular de que se poderão, eventualmente, extrair características não evidentes, mas que se encontram mais ou menos escondidas em fenómenos ordinários. Construir-se-ão assim novos conceitos que se poderão transferir para outras disciplinas. Por exemplo, na transferência psicótica entram fenómenos de comunicação telepática em que o paciente adivinha os pensamentos do psiquiatra, ou de transmissão imediata de imagens e afectos de um sujeito a outro — irrecusáveis para o próprio Freud, mas que, como ele dizia, não podia ainda compreender. Ora, numa outra área, em antropologia, na magia e na feitiçaria, encontram-se fenómenos do mesmo tipo: a adivinhação e a cura, passando pela má sorte ou pelo mau-olhado, ou pela possessão

e pelo transe, são atravessados pela transferência imediata de forças afectivas, de inconsciente para inconsciente. Não estamos longe dos fenómenos de “influência” estudados em politologia, como o prestígio, a captura das vontades e a manipulação dos afectos ou o poder do orador sobre a multidão. Mas de igual modo a persuasão, que classicamente se costuma distinguir da convicção, e que interessa pouco os especialistas da retórica, remete para o mesmo tipo de fenómenos. Persuade-se não por argumentos, mas através da *força* com que se expõe a ideia, força que pode depender de instrumentos como a voz, a presença ou os gestos, que nada têm que ver com a racionalidade da mensagem. Noutros domínios ocorrem fenómenos semelhantes: na arte, que cria um tipo de fruição artística e uma captura afectiva muito especiais do espectador ou do observador; mas também na adesão que é própria da crença, como acontece nas seitas, nas religiões, no messianismo. Ou mesmo em determinadas práticas, como num julgamento em tribunal ou num desporto colectivo. Começemos, então, por um simples exemplo: um caso clínico descrito por Françoise Dolto, pedopsiquiatra e psicanalista de crianças. Da sua descrição sumária, partiremos em busca de um conceito de corpo mais viável — esperando chegar, no pior dos casos, à certeza, pelo menos, de que ele não é possível.

O inconsciente do corpo. Na sua obra teórica mais importante, *L’image inconsciente du corps*, Françoise Dolto propõe um novo conceito. O que é “a imagem inconsciente do corpo”? Para o saber, convém distingui-la do “esquema corporal”. Este último é um dado material ou, como diz Dolto, “uma realidade de facto”: “é o nosso viver carnal no contacto com o mundo físico. As experiências da nossa realidade dependem da integridade do organismo, ou das suas tensões transitórias ou indeléveis, neurológicas, musculares, ósseas e também das nossas sensações fisiológicas viscerais, circulatórias — chama-se-lhes com outro nome, cinestésicas.”¹ Faz assim parte do esquema corporal, o esqueleto que condiciona a nossa posição no espaço ou o sistema proprioceptivo que regula a orientação espacial do corpo.

Para marcar a diferença entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo, Dolto refere casos em que as lesões do esquema corporal não afectam a vida do desejo do indivíduo e a sua sanidade mental. Por exemplo, “uma criança focómela, nascida sem membros

inferiores ou superiores, possui um esquema corporal enfermo. Contudo, a sua imagem do corpo pode ser inteiramente sã e permitir uma linguagem de comunicação inter-humana tão completa e tão satisfatória para ela como a de um indivíduo não enfermo”². Como se pode construir uma imagem do corpo sã num corpo cujo esquema corporal está mutilado? “Quando uma criança é atingida por uma enfermidade, é indispensável que o seu défice físico lhe seja explicado, referenciado ao seu passado não enfermo ou, se é o caso, à diferença congénita entre ela e as outras crianças. É preciso também que ela possa, pela linguagem mímica e pela fala, exprimir e fantasmear os seus desejos, quer sejam realizáveis ou não segundo o seu esquema corporal.”³

Porque é necessário que se explique à criança a sua enfermidade e a sua diferença relativamente às crianças normais? Porque só assim ela poderá adquirir uma imagem inconsciente do corpo sã. Se se esconder à criança enferma as causas e as diferenças que formam a sua patologia, a relação de comunicação com os pais (ou as personagens tutelares) não poderá ser uma relação de verdade. E isso afectará inelutavelmente a relação afectiva da criança com os outros e com o mundo. Porque a expressão do afecto ficará truncada e distorcida. O que, por sua vez, impedirá a palavra livre através da qual ela se exprimirá e fantasmeará os seus desejos. E esta é uma actividade essencial para que se forme uma imagem do corpo sã, a partir da qual se construirá um corpo normal desejante, erógeno, apesar de todas as lesões do esquema corporal. “Assim, uma criança paraplégica tem necessidade de brincar verbalmente com a mãe, falando de correr, de saltar, coisas que ela e a mãe sabem que não poderão jamais acontecer. Desse modo, ela projecta uma imagem do corpo sã, simbolizada pela fala e pelas representações gráficas, nos fantasmas de satisfações eróticas, nas trocas de sujeito a sujeito. Que os seus desejos sejam assim falados com alguém que aceite jogar com ela esse jogo projectivo permite ao sujeito integrar na linguagem esses desejos, apesar da realidade da enfermidade relativa ao seu corpo. E a linguagem traz-lhe a descoberta de meios pessoais de comunicação.”⁴

Três noções fundamentais alicerçam a ideia de construção de uma relação sã da criança com os outros: a “humanização”, a “narcisização” e a “comunicação afectiva”. São esses três processos que suportam a edificação de uma imagem inconsciente do corpo não enferma, mesmo num corpo com lesões no esquema corporal. A humanização supõe uma certa ideia do ser da criança, “sujeito dos seus desejos” mesmo no começo da vida. O bebé, o recém-nascido, tem de ser reconhecido como sujeito desejante. O que implica uma ética do desejo que se reflec-